

Prólogo

Os olhos líquidos de Ana eram tão azuis que se diriam o planeta em tamanho minúsculo. A menina esperava na primeira fila, os dedos da mão esquerda enrolados nos caracóis castanho-claros, os da direita a segurarem o bilhete com a força de quem temia que o vento o levasse. Uma algazarra imensa cercava-a; eram os colegas de turma a tagarelar com excitação. Tinham acordado de madrugada em Leiria e vindo a Lisboa para aquela visita tão aguardada, todos muito animados, mas Ana permanecia alheia ao bruaá, a atenção sempre presa nas portas fechadas diante dela, a mente a revoltear num turbilhão de sentimentos. Temia as portas, querendo que se abrissem e que nunca se abrissem, aterrorizada e fascinada com o que se encontrava para lá delas.

“Pronto, meninos, tenham calma”, disse a professora Arlete, apontando para o relógio. “Faltam dois minutos para as dez horas, isto já vai abrir.”

As palavras da professora destinavam-se a serenar a turma, mas tiveram o efeito contrário. A iminência da abertura das portas fez disparar a expectativa das crianças e, embora parecesse difícil, a verdade é que a vozearia ganhou ainda mais força. A excitação

era generalizada e até Ana, que fazia um esforço para dominar aquele misto de medo e curiosidade, não se conteve e pôs-se a saltitar.

“Os tubarões? Ó setora, os tubarões?”

“Calma, calma...”

“Eles comem-nos, setora? Comem-nos?”

“Meninos, vamos lá a ter calma!”

“É verdade que há polvos gigantes? Setora, os polvos agarram-nos e esmagam-nos?”

As solicitações multiplicavam-se, todos gritavam ou atiravam perguntas ou riam-se, ninguém parava quieto e a professora começou a sentir-se exasperada.

“Oiçam, ou vocês se acalmam ou...”

A algazarra tornou-se de repente infernal, como se a pouca corda que os continha se tivesse soltado, e a professora Arlete, percebendo que algo se passava atrás dela, virou-se e viu a porta abrir-se e dois funcionários plantarem-se lado a lado para verificar os bilhetes. Foi o que bastou para os alunos desatarem a correr e quase infestarem o edifício como uma praga invasora.

Tal como os colegas, a pequena Ana já tinha visto na televisão e na Internet imagens da grande estrutura icónica da zona oriental da capital, mas nada a preparara para o que encontrou. O Oceanário de Lisboa era um dos maiores e mais modernos aquários do mundo e a sua grandiosidade tornou-se intimidante logo que, mergulhando pelo corredor, desembocou num grande átrio com uma janela gigante.

O tanque central.

Era como se tivesse entrado numa cidade cravada no fundo do oceano, rodeada pelo mar e todos os estranhos animais nele contidos. Viam-se para lá do grande vidro peixes de todas as cores e feitios, uns isolados e outros em cardumes, desde gigantes como os atuns a minúsculos como os peixes-palhaço e a bizzarros como os peixes-lua, também mantas-diabo e tartarugas, polvos com os seus tentáculos ondulantes, algas a dançarem no fundo por entre anémonas amarelas e corais multicoloridos. O mais impressio-

nante naquele mundo azul e estranhamente silencioso eram porém as figuras esguias e ameaçadoras que ziguezagueavam na vasta massa de água, predadores à caça de presas, verdadeiros assassinos das profundezas.

“Tubarões!”, gritaram os colegas quase em uníssono ao serem confrontados com a visão em tamanho gigante e a três dimensões. “Ena! Olhem os tubarões!”

Eram justamente os tubarões os animais do mar que mais assustavam Ana. Ao vê-los alguns palmos diante dela, apenas separados por um vidro que lhe pareceu frágil demais, a menina foi tomada pelo pânico e desatou a correr. Quis dar meia-volta e sair pela porta por onde entrara, mas a corrente de colegas de turma que ainda ingressavam no Oceanário forçou-a a fletir para as laterais. Meteu por uma porta e correu pelos corredores, internando-se no edifício, as grandes janelas do tanque central sempre ao seu lado cheias de tubarões como se estes a perseguissem. Ana redobrou a velocidade; tudo o que queria era sair dali, partir o mais depressa que pudesse, fugir daquele lugar de pesadelo e escapar aos temíveis monstros dos oceanos que ameaçavam investir contra o grande vidro e engoli-la como ela os vira engolir tanta gente nos filmes que lhe assombravam o sono.

Desembocou num tanque contíguo, evidentemente separado do tanque central, e percebeu que se escapulira enfim e que podia parar de correr. O sítio onde se refugiara estava isolado do tanque central; não havia o perigo de os tubarões ali chegarem. Encostou-se à balastrada, ofegante, os olhos fixos no chão e os pulmões arfantes enquanto recuperava do susto e da correria. Malvados tubarões, que tanto a tinham assustado! Daquela já ela se livrara. Respirou fundo, mais aliviada, e levantou a cabeça, recuperando a compostura. Estava sozinha. Ouvia a gritaria dos colegas de turma, mas eram vozes distantes, perdidas algures lá atrás. Esforçou-se por regularizar a respiração e, por fim tranquila, olhou em redor.

A paisagem surpreendeu-a. O ar era anormalmente frio, sinal de que os aparelhos de ar condicionado bombavam ali com toda

a força, e o tanque onde se encontrava mostrava uma paisagem branca formada por estruturas a simularem neve. Olhou para a tabuleta à entrada do tanque e viu escrito *Oceano Glacial Ártico*. O Pólo Norte, deduziu. Ainda na véspera, durante a aula na escola, a professora Arlete falara sobre aquilo que iriam encontrar durante a visita e mencionara as zonas glaciares. A professora dissera-lhes que havia pinguins num dos tanques frios do Oceano e na altura a ideia entusiasmara-a. Pinguins? Tão queridos, os pinguins! Nas fotos pareciam crianças de *smoking*; só lhes faltava o laço. E agora ali estava ela. Onde se encontravam aqueles bichinhos tão simpáticos? Esqueceu o medo que a sufocara apenas momentos antes e espreitou em todas as direções, à procura dos pinguins. Por onde andariam? Nada lobrigou sobre as estruturas brancas que cercavam o tanque.

Inclinou-se sobre a balaustrada e espreitou a água escura por baixo dela. Estariam lá em baixo? Por instantes o tanque parecia deserto, mas um movimento à direita chamou-lhe a atenção. Viu um vulto branco e negro rolar pela superfície da água e desaparecer no fundo, uma temível barbatana pontiaguda no dorso. Assustou-se. Um tubarão?! Quase deu a volta para fugir, mas conteve-se. A professora tinha-lhe dito que só havia tubarões no tanque central. Além do mais, aquele era o tanque do Pólo Norte e, se bem se lembrava das aulas e dos filmes, os tubarões só existiam em águas quentes. Acalmou-se e voltou a espreitar pela balaustrada, tentando perceber que bicho seria aquele. Tudo estava calmo lá em baixo, as águas a agitarem-se com suavidade, azuis, azuis...

Uma mancha vermelha.

Descortinou uma mancha vermelha na água. Ali, num canto, junto às estruturas brancas. O olhar intrigado de Ana fixou-se nesse ponto. Seria tinta? Que estranho, tinta na água. Inclinou-se ainda mais sobre a balaustrada, tentando ver melhor. O vermelho misturava-se com o azul naquele canto. Desceu da balaustrada e correu para o ponto mais próximo do canto onde o azul se avermelhava, e voltou a empoleirar-se para ver. Destrinçou algo

dentro de água. Seria o monstro branco e preto que vislumbrara momentos antes? Não lhe parecia. O vulto estava imóvel. Espreitou de um novo ângulo e constatou que tinha pelos. Quando entendeu do que se tratava sentiu um baque no peito.

“Aaaaaah!”

Desatou a gritar. Saltou da balaustrada e saiu do tanque do Oceano Glacial Ártico o mais depressa que pôde, correndo em direção ao tanque central, os tubarões já não lhe metiam medo, tudo o que queria era juntar-se aos outros, fugir dali, buscar ajuda, esconder-se, procurar proteção.

“Socorro!”

Um adulto intercetou-a.

“Ana?”

Era a professora Arlete.

“Aaaaaah!”

A professora agarrou-a.

“O que aconteceu?”

Aterrorizada, Ana apontou para trás.

“Ali! Ali!”

Vendo que a professora não percebia o que se passava e não fugia, desprendeuse dela e desapareceu no corredor, aos berros, aterrorizada e em pânico.

A professora Arlete ficou atónita a olhar para a aluna. Ainda deu dois passos para ir atrás dela, mas estacou. O que teria a criança visto que a tinha posto naquele estado? Inquieta, deu meia-volta e avançou pelo corredor até desembocar no varandim do tanque do Oceano Glacial Ártico. Tudo estava calmo. Estudou as águas e pareceram-lhe normais.

Quando se ia retirar, apercebeu-se de uma mancha vermelha ao canto. Aproximou-se do ponto mais próximo e espreitou. Viu um vulto flutuar por entre o vermelhão e levou um segundo a perceber o que era.

O cadáver de um homem.